

ADOLESCENTES E A POÉTICA DAS RELIGIOSIDADES: REFLEXÕES SOBRE CRENÇAS E INVENÇÕES

Ana Maria Stephan

Este texto é uma condensação da pesquisa que estuda a religiosidade de adolescentes no bairro Dom Bosco em Juiz de Fora, situado numa área urbana bem central e que faz divisa com o campus da Universidade Federal, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agrária (EMBRAPA), a sede campestre do SESI, o Shopping Center Independência, sendo que se localizam dentro do próprio bairro os hospitais Monte Sinai e o Hospital Maternidade Terezinha de Jesus além de escolas, igrejas e posto de saúde. Existem algumas entidades filantrópicas, como o Instituto Dom Orione e ONG(s), como a ABAN e o Grupo Semente que prestam serviço social aos moradores. É circundado pelos bairros São Mateus, Paineiras e Cascatinha de população de maior poder aquisitivo.

É um bairro bem extenso e antigo com áreas internas demarcadas pelas posições geográficas e algumas delas são conhecidas como Morro dos Cabritos, Grotta e Chapadão. Esta pesquisa privilegia o local conhecido por Chapadão desenhado nas cinco ruas firmadas sobre antigos atalhos percorridos desde a década de vinte do século XX quando então surgem as primeiras referências ao grupamento que crescia em decorrência das migrações rurais, regionais e mesmo da própria cidade. É a parte mais empobrecida do bairro e formada por aglomerado de pessoas que, algumas, não buscam trabalho ou já são aposentadas e outras estão desempregadas, ou são empregados domésticos, biscateiros, camelôs, mendigos e catadores de sucata, mas também operários e funcionários públicos não qualificados, artesãos e professores, tanto do ensino público como de outras áreas como os de música, de informática e de capoeira. Esta população é marcada como “perigosa” por meio de mecanismos menos ou mais visíveis, como o preconceito em relação ao endereço de moradia e o destaque dos meios de comunicação para os atos de violência que acontecem ali. Visíveis e barulhentos são os sobrevôos de helicópteros da Polícia Militar constantes no bairro, e que estão relacionados a fugas de presos, a assaltos e outros tipos de violência acontecidos em outros locais da cidade.

Além de estarem marcados com estereótipos e preconceitos, convivem com a instabilidade de suas relações materiais e simbólicas ameaçadas pela redução flagrante de suas fronteiras geográficas, visto sua posição central numa região de alta especulação imobiliária, a

política de higienização social e os desastres ambientais quando as chuvas fazem escorrer pelas encostas as moradias, os atalhos e as esperanças.

Ressalte-se também a feição comunitária do agrupamento, mesmo que suas articulações estejam meio enfraquecidas no que tange às considerações tradicionais do que seja vida comunitária: a identidade de desejos e ambições é parcial, assim como são variadas as origens e os destinos prováveis; não existe uma produção comum de subsistência e as redes de solidariedade são frágeis e pontuais. A coesão do grupo nem sempre advém de parentesco (apesar de que as ligações parentais serem numerosas), mas da mediação de conflitos e da complementação e/ou substituição de serviços públicos, tais como cuidados com as crianças e com a saúde, prevenção e restrição às drogas, por exemplo. Quanto aos adolescentes é mais intensamente sentida a carência de aparelhos sociais e culturais de suporte: a rua e as casas são os espaços de lazer, de cultura e de convivência e eles se ressentem dessas carências.

Existem, não obstante, mediadores que funcionam como catalisadores e organizadores das rotinas e dos projetos: os jogos de bola, as conversas sobre religiões e saúde e, principalmente, fofocas. Entre os adolescentes, os jogos de bola predominam, sem que o saber coletivo e as fofocas sejam dispensáveis. Essas mediações parecem, sociologicamente, irrelevantes (não são as mediações tradicionais), mas, no contexto de instituições poucas e frágeis dão suporte às relações sociais e ao fazer cotidiano.

O estudo da adolescência e mesmo da juventude sob a espectro da religiosidade aprendeu a lidar com o movimento em suas múltiplas configurações. Pouca coisa resta estável por muito tempo ali, sem que isso precise ser visto pelo lado das negatividades, pois a instabilidade não somente faz parte do mundo contemporâneo (Bauman, 2005, p.144) como deve ter sido uma das condições comum à sobrevivência dos ascendentes de boa parte da população do bairro e assim se perpetua até hoje, supõe-se. As religiões recriam-se constantemente plasmadas na horizontalidade das relações pessoais, na fraqueza e flexibilidade das instituições religiosas e no isolamento moral infringido pelas fronteiras impostas ao convívio com o restante da cidade. São essas condições propícias para o aparecimento de transformações religiosas que geram e perpetua vivências algo diferenciadas dos demais grupamentos urbanos.

Movências e deslocamentos. Inovações e angústia do desconhecido: instabilidade também teórica e metodológica. Para esse mundo cambiante, mais intenso para a juventude, Perrault (2005, p.165) propõe *referências que permitem abordar e pensar a religião entre*

os jovens: 1) o recuo de um certo cristianismo, 2) a “recomposição-inovação” do religioso e 3) a individualidade, a subjetividade, os itinerários pessoais.

Absorvo essas referências como organizadoras deste texto, imerso em movimentos cambiantes: as mudanças aconteceram de semana para outra, de semestre para outro. Refazer as inserções teóricas e metodológicas das configurações móveis e moventes foi uma das tarefas mais constantes e de maior importância desta pesquisa. Se o que antes era não é mais agora, o que mudou repete o que era. Presente liminar e expansivo, amebóide.

Superado os tempos iniciais de surpresas e indecisões, percebi que esse era o contexto da pesquisa, esse andar em bases flutuantes. Para além dos processos de guetoização, gentrificação e juvenilização da pobreza (agenciamento compartilhado com as políticas públicas e que dizem ao confinamento simbólico, à valorização da terra e ao empoderamento juvenil advindo da recepção de políticas públicas em seus nomes), esta pesquisa caminha no sentido de buscar as maneiras como os jovens exercitam suas relações com o sagrado e o simbólico e como estes exercícios desnudam algumas das redes de relações que envolvem e sustentam os adolescentes nos dias atuais. Os autores Magnani, Mafra, Novaes, Bauman, Agier, Augé, Dayrrel, Lecadi, Maffesoli e Levy estão presentes no diálogo com a etnografia.

Cuido agora da apresentação dos perfis de dois adolescentes a que se segue uma discussão sumarizada do imaginário religioso construído em condições sociais em mutação. Enfaticamente acrescento que não se trata de erigi-los como modelos comparativos, nem da elaboração de tipos-ideais weberianos, mas de casos registrados aleatoriamente num conjunto de biografias surpreendentes destinados a suprir substantivamente as reflexões sobre a religiosidade de adolescentes. Não-exemplares e não-representativos.

Individualidade, subjetividade e itinerários pessoais

Os jovens inventam seu percurso biográfico com improvisações pouco convencionais sobre um estrato de convenções. Como se percebe na história de Lucas, quarto filho de Aparecida, moradora antiga de Dom Bosco. Além dele, Lucas, Aparecida tinha outras cinco crianças, sendo que dois eram do mesmo pai (os mais velhos), e os outros de pais itinerantes, mas Lucas foi registrado com o nome do pai, que sumiu de casa após denúncia de roubo e venda ilegal de medicamentos. Desde então, nunca mais se ouviu falar dele e Lucas, quando pequeno, falava sempre do seu retorno como herói e poderoso.

De acordo com sua mãe, em depoimento atual, ele dizia que gostava da escola, mas tinha rendimento escolar muito baixo, tanto que aos onze anos estava ainda no segundo ano do ensino fundamental, numa sala de alunos que não aprendem, junto com sua irmã Paula, um ano mais nova que ele. Os dois não se separavam por nada: parceiros nas brincadeiras e nas dificuldades. A mãe relata que pouco se ocupava deles em condições normais: – *Tinha que dar meus pulos e os vizinhos olhavam mais ou menos e eles não me davam trabalho. Nem queria saber de novidades deles. Se alguém me contasse algo de mal feito deles, levava o troco. Se quisesse olhar, tava bom, mas me chatear quando chegava em casa, nem pensar.*

Foi detida várias vezes por tráfico de drogas. Quando ela estava ausente, os vizinhos cuidavam para que as crianças não ficassem com fome. Hoje ela é mais contida, depois da tuberculose que a acometeu juntamente com três dos seus filhos. Disse-me ela que não foi a doença que a sossegou, mas ter passado a ser de Jesus.

Surge então questão da religiosidade como controle. Não necessariamente controle social, moralizador. No caso de Aparecida, questões relacionadas a uma melhor convivência com os vizinhos não a instigavam. Mas sim como mediadora de crises pessoais, justificativa para o cansaço que a abateu e para o qual não tinha meios de luta.

A casa em que moram hoje está completamente degradada: a chuva nela penetra via goteiras, enxurradas e infiltrações nas paredes, a escada que lhe dá acesso é escorregadia e sem proteção. Nos poucos cômodos (quarto/sala e cozinha- o banheiro é do lado de fora), amontoam-se moradores habituais e os eventuais, dormindo com roupas úmidas e insuficientes. Não existe lugar para a lavagem das roupas, nem para secar os escassos cobertores. Existe ainda um pequeno cachorro. (Um cheiro forte, luz insuficiente e desorganização geral me deixam temerosa de não conseguir compreender o significado de tudo aquilo e de me afastar de Aparecida, mas ela não se preocupa com seu ambiente.)

Aparecida lamenta ter estado doente (não sabe se está totalmente curada, pois não concluiu o tratamento), pois, apesar dos riscos do tráfico de drogas que fazia, sempre conseguia manter os filhos e a casa. *Agora, disse ela, só tenho a cesta básica que ganho.* Hoje seus filhos estão dispersos, sendo que a filha é a que está mais próxima e Lucas morreu assassinado.

Mas essa não é a única versão da vida de Lucas. Marina, senhora vizinha da família falou sobre ele e seu depoimento foi recomposto na redação, pois ela não quis gravar nem voz nem imagem.

Nasci, cresci, casei, descasei morando neste bairro. Tenho hoje 55 anos, três filhos casados e cinco netos. Conheci Lucas quando ele deveria ter uns quatro anos, quando sua mãe veio morar mais próxima de minha casa. É, mais ou menos, há uns 20 anos. Era uma criança muito querida, falante, dava conta de tudo, sempre com a irmã. Rostinho muito redondo, olhos esverdeados, cabelo crespo cortado rente, pele clarinha, daquela cor meio sarará, pele clara, olhos claros, o resto negro. Naquela época o bairro era mais calmo, muito mais, e ele vivia por aí, pois sua mãe às vezes ia presa por qualquer coisa: roubava, levava droga, batia em todo mundo (conta-se que mandou matar dois dos seus maridos), temida em alguns momentos (nesses quando estava se defendendo), e amável e solidária em outros momentos na rotina dos dias menos atribulados.

Cuidava razoavelmente dos filhos: sempre limpos, alimentados, roupas boas, calçados. Mas não sabia por onde andavam, com quem estavam. As crianças eram largadas para quem quisesse olhar. Quando Lucas começou a freqüentar a escola, ia quando queria. Não consegui ler nem escrever até os onze anos (quem me disse foi uma amiga que fez estágio na turma dele) e depois não sei se aprendeu. Mas a escola foi madrasta para ele. Como é que uma criança tão ativa, tão inteligente, não ia aprender a ler? A escola parece que não se preocupa com o destino das crianças, parece não ter nada com isso. Se a criança não aprende, de quem é o problema? Da família, pois não? Mas que família tinha Lucas? Só por ter essa família era suficiente para ele não aprender? E o resto que ele aprendia? Só não aprendia o que era da escola. Ia até na Igreja, freqüentava missa direitinho. Depois, muito tempo depois sua mãe passou para ser evangélica, e não me lembro se ele ia com ela. Teve uma época mais complicada para mim e eu estive afastada do bairro, quando voltei, ele já era outro.

O que não prestava aprendeu tudo. Não sei de foi a mãe que o colocou nas drogas, se ele não tinha outro jeito de sustentar seus desejos (sem saber ler e escrever, podia arrumar emprego? Não podia.) mas por volta de quinze anos ele já estava lá. Nunca fiquei sabendo dele drogado, mas só vendendo. E muito. Logo era um assassino cobrando com a morte dívidas do vício. Aos dezessete anos era foragido e considerado bandido perigoso, perseguido pela polícia e tudo. Tinha matado um rapaz, e logo depois outros dois. Foi preso em uma cidade próxima onde estava escondido, ficou preso algum tempo, mas saiu e morreu aos vinte e um anos com tiros na saída de um baile funk. Dizem que quem o matou também já morreu sob encomenda da mãe. Doeu muito a morte dele. A gente gostava dele. Não do que ele estava fazendo naquela época, mas do que era antes. A gente viu crescer,

cuidou e depois aquilo. Ele não sai da minha cabeça e fico querendo contar a história dele para os meninos que estão começando no vício aqui no bairro e que são tão jovens como era Lucas quando começou. Mas eles não querem ouvir, eles não acreditam que faltar à escola, ficar ao léu, não ter compromissos, é porta para a morte. Ou a prisão. Mas, fico me perguntando se ele tivesse estudado, seria diferente. Com a mãe que tinha, não sei.

Hoje, a mãe se afastou das drogas, seus outros filhos parecem estar bem, não moram mais aqui, só a irmã, que usa droga. Aparecida continua brava, sem papas na língua, brigona, mas a gente não vê mais ela com problemas com a polícia. Dizem que continua a distribuir pequenas quantidades de cocaína para alguns amigos, mas não sei como está hoje, na era do crack. Não consigo mais ser amiga dela. Acho que ela é culpada e que nos deve o cuidado que tivemos com ele e que ela não teve. Ficou a mágoa.

A vida rola, Lucas se foi, mas a vida foi muito dura com ele e com aqueles que ele matou. A juventude não dá valor nem à vida, nem o amor que recebe. Só conta o que não teve. Mas também...

As palavras referidas à Marina não são transcrição literal de suas palavras, uma vez que a sua fala foi muito truncada e repetitiva. Tentei dar uma feição mais organizada literariamente para que pudesse me lastrear na percepção das nuances e nas entrelinhas. Importa-me ressaltar a questão da educação escolar na construção da identidade e nas futuras relações sociais das crianças e a questão da religiosidade que mesmo não tendo posição de relevo na fala de Marina no que tange ao número de referências, persistiu como pano de fundo durante toda a sua fala. Os parâmetros de bom comportamento era ele até frequentar a igreja, numa visão de fé moralizadora e controladora. Para ela, tendo faltado família, educação e religião, Lucas ficou desamparado. Os vizinhos e amigos não são suporte suficiente para mudanças no direcionamento das ações quando elas descambam e se insurgem contra as regras de conduta consideradas normais. Mas o que é interessante é a permanência do afeto mesmo ele tendo se transformado num assassino, e tendo quebrado outras regras de convivência. Com exceção das críticas à educação que Lucas recebeu na escola, não existe julgamento: as pessoas são o que são, sem escape: o filho de Aparecida não poderia ter se tornado outra coisa. Muito fatalista, a responsabilidade recai sobre a “família”.

Outro adolescente descrito aqui é André. Eu o vejo como uma pessoa serena tendo 15 anos em 2010. Alto, espigado, cabelo ao sabor do momento (quanto à cor, oscilando do castanho amarelado ao branco oxigenado; quanto ao penteado, oscilando da cabeça raspada

às variações moicanas). Veste-se com cuidado, sem excessos no visual e não tem tatuagens. Era percussionista do Reggaebem (grupo de percussão que existia no bairro como parte de um projeto social de prevenção de vulnerabilidade social) e foi um dos integrantes do grupo que mais se movimentou para que o grupo não acabasse. Continua ligado à música e faz parte de um grupo de pagode, como vocalista, com apresentações em alguns bailes em outros bairros. Nesta situação de saída do bairro disse-me que não existem brigas nem rivalidades nas apresentações que realizam. Neste grupo de pagode não existem meninas nas apresentações externas apesar de nas apresentações no próprio bairro elas estarem presentes.

Sua casa situa-se numa das entradas do Chapadão, logo no topo de inclemente ladeira. É uma casa alegre, sempre cheia de pessoas, com música e sons de vozes. Parece ser uma casa confortável, apesar de carecer de acabamento externo. Quando procuro por ele, muitas vezes sou atendida por sua mãe, quase sempre às voltas com cuidados à neta pequena. O pai não mora com a família que consta de cinco pessoas: mãe e três filhos, a mais velha casada e moradora da rua de cima à casa da mãe. Naquela casa perpassa um dilema inconsciente (em termos reflexivos) que acompanhou quase todo o tempo desta pesquisa, sendo ao final pendido para o imediatismo da sobrevivência e não para uma aposta de futuro. Explico: André havia expressado o desejo de fazer curso de canto, mas não tinha dinheiro para custeá-lo e era um custo de baixo valor. Algumas estratégias foram tentadas para acesso a uma ocupação que lhe rendesse o suficiente para tanto, mas nada foi conseguido, em parte porque ele mesmo não se empenhou em consegui-la por entender que qualquer atividade que conseguisse junto à ABAN (ONG de prestação e serviço voluntário social), por exemplo, seria temporária e incapaz de sustentar o curso em questão. Subjacente à dificuldade de ocupações remuneradas, a mãe insistia na necessidade de um trabalho regular para, como me disse ela, André pudesse ter algum dinheiro nos fins de semana e comprar algumas roupas, já que era vaidoso e precisava de dinheiro para conduções e outras despesa e ela muitas vezes não tinha para lhe dar. Disse-me que se ele conseguisse um dinheiro para uso próprio já seria lucro para ela já que evitaria sacar do dinheiro coletivo (os adultos também investem pouco em projetos futuros, isto significando baixo nível de investimento tipo moratória). Por outro lado, ela (e o pai também) incentiva a música de André, pois como ele disse *na minha casa todos estão ligados em música, mas eles não acreditam muito não* (em viver de música). *É muito difícil no tempo de agora, tem*

que sair para outra cidade para buscar, pois o mercado aqui, infelizmente é muito fraco, nesse aspecto de música e eles não acreditam muito não.

Gosta de ler (prefere poesia), joga futebol (que disse que poderia ser também outra opção de vida), não bebe e não fuma, mas não investe muito no ensino escolar, estava no nono ano com dezesseis anos. Quanto à frequência à escola disse que somente ia para sair com o segundo grau completo, não tendo ambições que impliquem em maior escolaridade, expandindo esta afirmação para os demais companheiros dizendo que nenhum deles pretende cursar terceiro grau. Disse que seus amigos não têm pretensão de serem médicos, por exemplo (nem operários, nem segurança, etc.), mas que eles ficam no campo do esporte e da música quando se trata de pensar no futuro, pois nesse caso tudo vai depender deles próprios sem dependerem dos estudos escolares. Disse André que se as mães não forçam o estudo eles não vão à aula (será que esta questão não está ligada à dificuldade de projetar, de se enxergar num futuro um pouco mais remoto que alguns anos?). *Lógico que eu tenho meu objetivo, mas é impossível ver lá adiante, ainda mais nessas condições que vida que a gente tem. Tem que correr atrás e não sei o que vou conseguir. Meu sonho é música, mas vejo dificuldade de chegar lá. Mas meu sonho não está tão longe, ele está próximo e eu vou viver dele desde agora.* (Isto no mês de julho. Em dezembro estava trabalhando e acordando às quatro horas para apanhar o ônibus da empresa)

Refere-se aos moradores do Chapadão sem subterfúgios: as crianças não obedecem, não têm disciplina, os pais são ausentes, e são poucas as famílias que acolhem as necessidades dos filhos para além de comer, vestir e ir à escola. Mas, mesmo assim, para ele ali é uma comunidade feliz: *em outros bairros parece que à noite não tem ninguém na rua, aqui nos finais de semana está sempre cheio, aqui é uma comunidade alegre, é um ajudando o outro, as pessoas são mesmo muito amigas não só em caso de doenças, mas quando, às vezes, se tiver um menino usando drogas, as pessoas vêm, dá um toque, fala. Por exemplo, deu um acidente, quando a família não tem um carro para levar ao médico... aqui são muito amigos.*

Os sábados à noite aqui são muito violentos, muito agitados. É difícil saber se essa violência é provocada só pelas pessoas do bairro, porque tem coisas que acontecem no bairro que não são pessoas daqui que fizeram. Às vezes tem coisa que acontece aqui perto que não são pessoas daqui, mas às vezes é gente daqui, mas as questões ficam para as pessoas daqui.

Tem uma visão interessante quando se refere ao estudo de música que contrasta com o ensino escolar. Para ele, na música, por exemplo, é preciso buscar aprimoramento mais teórico, pois não basta somente ficar batendo caixa sem passar para outros conhecimentos: *tem que ter teoria, tem que ter outros instrumentos, outras coisas mais, não é só bater caixa. O público quer escutar a melodia. Se a gente tocar só o bатуque por muito tempo, o público vai enjoar.*

Foi um interlocutor importante nesta pesquisa. As críticas que fez à ABAN na figura de seu presidente Renato em relação à extinção do RB foram bastante lúcidas e compartilhadas por alguns de seus colegas em outros depoimentos. Por exemplo, a referência à presença que lhes oferecessem espaço de diálogo foi constante. André (e outros colegas) destaca a presença do Lúcio e do Haroldo nos primeiros tempos do RB. Disse que *eles davam palestras sobre drogas, saúde e ajudou muita gente. Quando o Lúcio veio para o RB melhorou até a vida das pessoas, crime, drogas, os adolescentes até tiraram proveito dele. Ele tinha experiência, entendeu? Agora a gente perdeu o contato com ele e quem tem é a ABAN, Lúcio Cardoso.* São ressalvas aos argumentos do Renato quanto ao encerramento das atividades do Reggaebem por não concordar que as atividades estavam esgotadas, que não funcionava e que as pessoas faziam o que queriam. André diz então que faltam sim pessoas dedicadas a liderar e a conversar com eles, pois nunca são escutados.

Em seus deslocamentos pela cidade, diz que não existem problemas: *a gente é muito tranquilo quanto a isso. A gente é tratado como pessoas normais, vai em qualquer lugar, a gente é bem recebido em qualquer lugar. Mas em relação à saúde não é tranquilo, depende do lugar onde a gente for. Eu joga no Tupi, eu toco pagode, às vezes eu vou passear mesmo, ou vou na casa de um parente, sem problema nenhum, podemos circular por qualquer lugar e a questão de restrição por causa de gangues concorrentes é só com os meninos que brigam. A gente chega em outro lugar, só pela nossa aparência, pela roupa que a gente está vestindo, a pessoas já percebe que não tem problema nenhum. Os meninos que brigam são funkeiros, com roupas mais chamativa, boné no olho, aí as pessoas já vêem que têm uma atitude mais agressiva. As gente fica tranqüilo vai nos lugares, aí o pessoal já vê aquele ali é tranqüilo, não tem problema não. As pessoas de fora que chegam aqui são bem recebidas.*

A parcela da população do bairro envolvida com situações de brigas não é tão grande como parece, mas são eles que fazem prevalecer a visão negativa do bairro. André diz que *nós*

estamos cercados por shopping, de bairros de gente que tem uma renda alta, de pessoas ricas, a gente que está aqui a poucos minutos de centro, tem mais um hospital que está construindo, as pessoas acabam criticando por isso aí: a gente está ocupando um lugar que não pertence à gente. Pode até ser isso, para eles falarem do jeito que eles falam... Parece que o pensamento das pessoas é que no futuro não tenha isso aqui mais não. Não duvido muito não. Se eles forem tirar todo mundo daqui, vão querer pagar indenização, tudo direitinho? Vão oferecendo casas para as pessoas, vão tirando um a um, devagarzinho... Mas não vai dar não, porque aqui é muito antigo. É preciso conhecer a história do bairro, porque aqui as pessoas chegam e saem e não têm essa visão do bairro. Aí, o Dom Bosco tem muito crime, o Dom Bosco tem muita droga, é muito violento nos finais de semana, o Dom Bosco é ruim. E ninguém sabe como surgiu. De acordo com a visão que eles passam é lógico que vai vir o medo (para as pessoas de fora que vão ao bairro), porque a visão que eles passarem é que Dom Bosco é extremamente violento.

No tocante à sua religiosidade, diz André: *Vou à missa aqui no bairro e às vezes no São Mateus. Vou com minha mãe, às vezes vou sozinho, na maioria das vezes. Na Igreja daqui, tem a banda que eles chamaram para tocar no quarto sábado, às sete horas da noite. O padre deveria ser pessoa importante, mas eles ficam lá no seminário, lá em cima no instituto. Aí eles ficam dois anos aqui e como a gente não tem muito contato, eles nem sobem aqui no bairro, ficam dois anos e nem aqui eles vêm. E só vêm celebrar a missa e voltam.*

E diz que quanto à música: *Nós tocamos pagode, mas o pessoal (da banda) gosta mesmo é de samba que é alegria mesmo. Tocamos pagode porque o público quer ouvir. Todo mundo gosta um pouco de pagode. Se tocar só samba fica enjoado, assim se você tocar só pagode. O samba é a realidade da música, o pagode é muito romântico, melado mesmo (abertura no diálogo para discussão sobre história da música/samba/sertanejo e mudanças ao longo do tempo).*

Penso que estas duas biografias darão conta de agregar um conjunto de situações que sustentam uma reflexão sobre a religiosidade dos adolescentes em geral.

Recuo de em certo cristianismo

Hesito entre os termos “recuo” e “vazio”, tendendo mais para o último termo quando percebo que o lugar da religião ficou vazio pelo seu afastamento de funções antes exercidas pelo cristianismo, com ênfase no catolicismo, como organizador social e cultural

tal como acontecia nas gerações passadas. Nos depoimentos obtidos junto aos jovens, a dimensão acima, de organizador social e cultural dos tempos idos não é muito bem percebida hoje, mas surge na forma de um incômodo indeterminado, uma carência de suporte para se posicionar frente à inapelável fragilidade frente à perenidade do mundo (Bauman, 2005, p.155), a inconsistência das relações humanas e a insustentabilidade dos projetos biográficos. Sem o auxílio de religiões a transformação dessas instabilidades em força de vida se dá com mais dificuldade, quando chega a acontecer. Considerando o afastamento religioso os jovens ficam mais confusos. E, enquanto tal, o futuro vem de improvisações, aceitando as poucas oportunidades existentes no campo do trabalho e das relações sociais. A escola que poderia suprir o vazio também está afastada das discussões mais próximas às necessidades do mundo contemporâneo, e existem dúvidas sobre se ela poderia presidir esta discussão tendo em vista seu também afastamento do campo da moralidade institucional.

O interessante é que nem a religião e nem a escola, mesmo em suas limitações de eficiência e consistência deixam de ser privilegiadas enquanto mediadoras convencionais, mesmo ocupando um nicho menor no conjunto de suas expressões, o qual, todavia concentra mágoa e rancor. Os padres que não visitam os paroquianos, a escola que não ensina, os sacramentos não realizados, a disjunção entre aprendizagem e trabalho são criticamente colocados não como cobrança somente, mas como ausências a que devem se conformar e, ao mesmo tempo, terem suas importâncias minimizadas para que o que resta ainda possa proporcionar uma mediação diferenciante quanto ao futuro. Ainda são instrumentos de prospecção do desconhecido. *Se Deus quiser... Com a graça de Deus... Deus vai me ajudar ... Sem Deus eu não sou nada... Deus é que sabe...*

Não obstante, não quer dizer isso que a religião possa ser confundida com algo semelhante a muletas usadas para o enfrentamento de um futuro improvável, pois tal metáfora pressupõe alguma deficiência humana (longe vão os tempos em que fazia parte do vestuário da moda) e eu não pretendo me fixar fatalisticamente em qualquer debilidade ontológica. Penso que a religião não “funciona” como muletas. Ela parece mais instrumento de convergência de mundos desfocados, que oferece maior segurança para que escolhas sejam feitas, uma vez que a baixa qualidade em geral de suas vidas no que tange à baixa escolaridade, à flutuação do mercado de trabalho, ao comprometimento da saúde e outras mazelas inerentes à pobreza e à reclusão às fronteiras sociais e culturais, limita as

opções e a fruição das benesses porventura existentes. Usam-na (a religião) como espaço intervalar que minimamente facilita a incerteza dos dias atuais.

Nesse vácuo, as pessoas tateiam em busca de um mínimo de tranqüilidade. No caso dos jovens a religião pouco instrumentaliza essa busca. Não porque ela não possa fazê-lo, mas lhe custaria a perda do distanciamento que ela mantém desde longo tempo dos problemas da comunidade do bairro, especificamente na sua parte alta. Numa conversa com André em julho de 2011, ele relatou que os padres da Igreja Imaculada Conceição quase não têm contato com a população além da missa semanal, pois eles ficam no seminário e de dois em dois anos são substituído sem que tenha se formado qualquer vínculo para além das beatas que freqüentam a Igreja até sem mesmo haver padre. Existem nessa Igreja algumas ações sociais voltadas para as crianças e jovens, mas são desenvolvidas por voluntários e não se organizam enquanto proposta institucional.

Além do mais, nesta parte do bairro não existem outras igrejas de outras denominações. Disseram-me que já existiram anteriormente, mas não se mantiveram em funcionamento. Vi até uma placa indicativa de um local de culto, mas está abandonado há muito tempo. Quanto às religiões afrobrasileiras, existem alguns praticantes nos fundos de quintais, mas eles não são citados pelos adolescentes quando se lhe indagam sobre as religiões do bairro. Somente a Igreja Imaculada Conceição. Quem pertence a outra religião deve buscá-la em outros locais da cidade ou até mesmo na parte baixa do bairro, desde que aceite a ameaça de outros adolescentes de outras ruas. Esta questão da existência de brigas de gangues é bastante controversa, mas existe uma tendência bastante acentuada de permanência dentro das fronteiras simbolicamente estabelecidas.

Seja qual for a crença religiosa existe sim um afastamento das atribuições cabíveis às religiões até mesmo nas possíveis disputas do mercado de bens simbólicos. Isto levanta algumas perguntas que dêem conta dessa situação: qual o nicho ocupado pelas demandas da juventude nas propostas institucionais religiosas? Existe alguma ação para além da referência indiferenciada quanto à faixa etária e às subjetividades? O “recuo” do catolicismo, neste bairro e neste momento, pode sinalizar para dificuldades institucionais instrumentais de compreensão dos jovens? Como se faz essa religiosidade sem religião?

A “recomposição-inovação” do religioso

A religiosidade vivida pelos adolescentes no Chapadão está associada às experiências de vida no mundo consumista contemporâneo matizadas pela pobreza, pela preponderância

racial negra, pelo baixo nível educacional, pela cobiça da especulação imobiliária e principalmente pela individualização das relações com o simbólico e o sagrado. Diante desses condicionantes espaços-temporais, a religiosidade é percebida, exterior e posteriormente, como bricolagem, como libertação de compromissos pesados em suas antigas moralidades: os pecados foram banalizados (os pecados mortais foram amenizados, os capitais desqualificados e os veniais quase desapareceram).

Mas, nas improvisações do cotidiano essas banalizações não são evidentes e a religião é ainda uma ferramenta de acolhimento de indivíduos desgarrados que formam núcleos muito pequenos de adesões a uma maneira pr de ver o mundo. Não é uma individualização estrita, mas uma ressignificação comentada entre seus colegas das percepções do mundo. Nos depoimentos e nas observações mais informais, a religião não é tomada como muleta para o avanço em terreno desconhecido e não nomeado, mas antes como óculos 3D que junta as dimensões e as tornam mais uniformes, resguardando os movimentos, seus panos de fundo em perspectiva (também em movimento), e valorizando os protagonizamos e desvalorizando os roteiros (desde que seja mantida a velocidade e o heroísmo, qualquer história serve). O pecado aqui é estar fora dos modismos e ser pego pela polícia.

Outra observação é que a religião (Deus) não é mais salvacionista: não escutei nenhuma referência a ir para o céu depois da morte. Pelo que pude sentir, a morte é uma interrupção do presente e não algo para ser valorizado como futuro muito remoto. Há de se objetar sobre o salvacionismo evangélico. Mas mesmo no caso de evangélicos essa dimensão religiosa parece ter sido amenizada, nuançada e matizada: a salvação é para agora, para endireitar a vida, para conseguir emprego, para sair das drogas, para parar de brigar com o marido, para os filhos voltarem para casa, para os filhos saírem do CERESP (Centro de remanejamento do sistema prisional, composto, em Juiz de Fora, das penitenciárias José Edson Cavalieri e Professor Ariosvaldo Campos Pires). Muito raramente a transcendência aparece ao longe na forma de alegação de justiça divina. *Deus saberá recompensar..., A justiça de Deus não falha..., Deus tá vendo...*

Onde está também o papel moralizador da religião? A moral deixa de existir enquanto tal, ou melhor, com eram as normas antigas, para se abrir aos novos comportamentos e atitudes. Não é freio social nem estabelece condutas, quanto muito marca as rupturas das rotinas cotidianas com as comemorações e feriados.

Também não são atitudes de escolha como num mercado de crenças: mais parece uma canibalização, onde heróis e criminosos, normas e crenças, são ingeridos, digeridos e

modificados, nem sempre, todavia, em energia vital, mas às vezes em roteiros para a morte. Não existe propriamente a possibilidade de escolha entre várias possibilidades, mas aproveitamento do que está disponível.

Sem a escusa da eternidade as religiões vão se transformando lenta e inexoravelmente, mas isso parece ser campo de reflexões advindas de uma etnografia de imersão antes que preocupações eclesiásticas. Quanto a elas, a adolescência não existe enquanto potencial inovador, mas somente como um hiato temporal nas biografias, também como uma moratória aos tempos da responsabilidade adulta. Não a vêem como momento em que se escreve a história das religiões de maneira a desmistificar o pecado, abrir mão da salvação eterna, não moralizar, não sendo produto de livres escolhas nem de bricolagens, mas de canibalização. Apesar disso a religião resiste, mas demanda novas metáforas e outra gramática da fé e das crenças. Outra poética.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA MENDES, Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). Culturas jovens: novos mapas dos afetos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006

ALMEIDA, Patrícia Lage de Almeida. Elos da permanência: o lazer como preservação da memória coletiva dos libertos e seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX. Juiz de Fora, EDUFJF, 2008.

AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Maceió, EDUFAL/UNESP, 2010

BAUMAN, Zygmunt. O mal estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1997

_____, Modernidade líquida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001

_____, Vidas Desperdiçadas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994

COIMBRA, Cecília; BOCCO Fernanda; NASCIMENTO Maria Lívia do. Subvertendo o conceito de adolescência. Arquivo Brasileiro de Psicologia. v. 57 n.1 Rio de Janeiro jun. 2005. Acessado em 13 de maio de 2010

FLORIANO, Maria das Graças. Religiões de matriz africana: trajetórias, alianças e conflitos. Tese de doutorado em Ciência da Religião/ UFJF/2009

FONSECA, Claudía. Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares - 2.ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____, Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. In Saúde e Sociedade v.14, n.2, p.50-59, maio-ago 2005

FUSER, Bruno; MORAIS, Mauro Gabriel. A sociabilidade por celular entre jovens da periferia de Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1736-1.pdf>. Acesso em 29 de março de 2010.

LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. Tempo Social, v.17 n.2 São Paulo nov. 2005. Acessado em 04/08/2010

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. FREITAS, Maria Virgínia de. Cadernos da Juventude – Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo. Ação Educativa, 2005

- MAFESSOLI, Michel. Comunidade de destino. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 273-283, jan./jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n25/a14v1225.pdf>. Acessado em 13/01/2010
- MAFRA, Clara. A habitação no morro: impressões de moradores de duas favela do Rio de Janeiro sobre religião e espaço público. In: Religião e Espaço Público. São Paulo, Attar Editorial, s/d
- MAFRA Clara; ALMEIDA, Ronaldo de (orgs). Religiões e cidades. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2009
- MAGNANI, José Guilherme Cantor e Souza; MANTESE, Bruna. Jovens na metrópole: etnografia de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2007
- MARIOSIA, Gilmara Santos. Negras memórias da Princesa de Minas: memórias e representações sociais de práticas religiosas de matriz africana. Juiz de Fora, Funalfa, 2009.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. FÁVERO, Osmar, SPÓSITO, M.P., Carrano, P. Novaes, R.R. (org.). Juventude e Contemporaneidade. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos. V. 16).
- MENEZES, Maria Lúcia Pires; MONTEIRO, Gabriel Lima. O espaço fora do lugar: uma análise do processo de gentrificação do bairro Dom Bosco e seus impactos para a comunidade local. In Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona. Vol. XIV, n 331 (97), agosto de 2010. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-97.htm>. Acessado em 18 de dezembro de 2010.
- NOVAES, Regina R. Os jovens de hoje. ALMEIDA MENDES, Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). Culturas jovens: novos mapas dos afetos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006, pp 105-120
- PAIS, José Machado. As múltiplas “caras” da cidadania. In CASTRO, Lúcia Rabelo e Correa, Jane. Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais. Rio de Janeiro, Nau Editora:FAPERJ, 2005, p. 107
- PERRAULT, Jean Philippe. Pensar a religião entre os jovens e pensar a juventude a partir da religião. CASTRO, Lúcia Rabelo; CORREA, Jane. Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais. Rio de Janeiro, Nau Editora:FAPERJ, 2005, p. 161
- PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Atlas de Desenvolvimento social. 2006
- RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara T. Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo, Loyola, 1995
- SANTOS, Milton Pobreza urbana. 3 ed., São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2009
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010